

A misericórdia é a única forma de combater o mal

por Rafael Meneses

Introdução

Jesus empreende uma profunda reflexão acerca da virtude da misericórdia, e para compreendê-la melhor, ele sempre estabelece uma relação com o seu oposto, a condenação, evidentemente no seu aspecto moral, pois a ética cristã está para além da normatividade jurídica.

A condenação ou julgamento a que Jesus se opõe veementemente é a de tipo puramente vingativa, a que só deseja o castigo, a punição e a humilhação ao ofensor. Esta condenação moral é a oposição à misericórdia, ela é fruto do ressentimento, um dos sentimentos mais baixo e perigoso que nasce do orgulho ferido. O ressentimento comumente se reveste de uma moral punitiva com aspectos jurídicos, para ocultar o ódio, a brutalidade e a maldade.

No estudo desta virtude, Kardec oferece os elementos para se compreender a essência da misericórdia. Ultrapassando o senso comum, ele demonstra como a misericórdia está unida à justiça do ponto de vista da ordem do ser, isto é, na regência da totalidade pela ação do Absoluto. Como a misericórdia é uma expressão das infinitas qualidades divinas do Absoluto, tal como Jesus ensina, então Kardec enfatiza que é necessário compreender esta virtude como a única forma de combater o mal, de outra forma, a misericórdia divina é o incessante auxílio de Deus para que nos tornemos bons, purificados, desmaterializados.

Assim, a justiça de Deus é, por assim dizer, implacável, pois Deus não pode recompensar o mal ou o bem que não foi feito, mas sua justiça não é vingativa nem se reduz à punição, pelo contrário, por estar intimamente unida à misericórdia, a justiça de Deus se orienta segundo os desígnios de regeneração total da criatura desviada. É pois uma justiça misericordiosa, isto é, dá a cada um segundo as suas obras, mas quando desponta o arrependimento, socorre o transviado para a senda da regeneração, a fim de que não permaneça mais no estado em que se encontra.

Desse modo, Kardec exalta a importância da virtude da misericórdia e auxilia na compreensão de que sem ela é impossível a realização de uma civilização verdadeiramente espiritual e harmonizada com as leis que regem a totalidade da criação.

1. Em que consiste a virtude da misericórdia

A misericórdia é o esquecimento e o perdão das ofensas. O esquecimento não é o aniquilamento da lembrança, pois o acontecimento está guardado na memória indestrutível do Espírito. Tal esquecimento consiste pois na eliminação da suscetibilidade, do rancor, do ressentimento, são esses sentimentos que devem ser propriamente apagados (esquecidos) da alma. O indivíduo pode lembrar do acontecimento, mas ele não tem a carga emotiva negativa sustentada pelo orgulho ferido. Nessas condições, quando se faz necessário a repreensão à ofensa, esta não é determinada por uma oculta intenção de vingança e de humilhação.

O esquecimento deve atuar então sobre o ressentimento, eliminando-o do mundo íntimo. O ressentimento está fundado na memória, uma vez que ele consiste na repetição mental de um acontecimento, o indivíduo fica como que revitalizando o impacto negativo de uma possível ofensa. Como o esquecimento total não é possível, logo, o esquecimento das ofensas consiste em romper com o círculo da repetição mental que mantém o indivíduo magoado, ressentido, numa palavra, ofendido.

Mas para que o esquecimento alcance sua eficácia ele deve e necessita se completar no perdão. Ora, o perdão é justamente o contrário do ódio por alguém, ele é o querer bem o outro e o esforço por fazer o bem, quando possível. Por isso a misericórdia é esquecimento – *ruptura com a repetição mental do acontecimento negativo* – e perdão - *desejo e esforço pelo bem do outro, mesmo que nos tenha ofendido*.

A misericórdia, como toda a virtude, não só delimita uma resistência e oposição aos sentimentos inferiores, mas também exige que se afirme e que se realize os sentimentos superiores, a virtude é sobretudo a manifestação da moralidade, inerente à consciência, na totalidade do existir do indivíduo, e como o indivíduo é também essencialmente um ser social, ela tem a sua dimensão social, extremamente importante para estabelecer um imorredouro estado de bem-estar social que se sobreponha definitivamente à ordem relativa fundada no império da força, do ódio institucionalizado e da maldade que se perpetua e se torna cada vez mais sofisticada.

Desta forma, o perdão é uma ação ou comportamento que busca contribuir com o bem daquele que possivelmente nos ofendeu, segundo o nosso julgamento por veze arbitrário.

2. O ressentimento e o ódio também são sustentados pela estrutura jurídica da sociedade

Assim, por mais que tenhamos que combater o mal que um indivíduo pratique, este mesmo indivíduo deve ser sempre objeto de misericórdia, que significa perdoado, isto é, querer sempre o seu bem e nos esforçarmos por contribuir para a sua realização. A condenação moral motivada pela falta de misericórdia tende sempre à brutalidade, pois quando não há o desejo do bem pelo próximo, surge o simulacro da justiça fundada no ódio e na maldade.

O episódio da mulher adúltera, contido na narrativa evangélica, embora relativamente simples, demonstra como a falta de misericórdia rege sobremaneira a vida cotidiana. Por mais que a mulher haja incorrido na traição, o desejo de apedrejá-la, se possível até à morte, põe em evidência como o orgulho ferido anseia o aniquilamento do ofensor, não há aí nenhum desejo do bem, só mera condenação moralista, que mal encobre a brutalidade.

Mas a atitude de Jesus é sumamente superior. Ante a condenação dos moralistas ressentidos daquela sociedade, ele pratica a virtude da misericórdia, querendo e buscando o bem daquela mulher ao mesmo tempo em que se opõe à prática do adultério, dizendo - não peques mais. De nada valeria torturá-la física e psicologicamente, mas sim mostrar-lhe uma senda de regeneração, de elevação. É o que Jesus faz, e mostra o que é a vivência da misericórdia e o efetivo combate ao mal – fomentar e impelir ao progresso espiritual a criatura desviada do caminho da virtude.

A ética de Jesus é a ética das virtudes, que não se resume na normatividade, onde se segue mandamentos, imperativos de uma autoridade. A ética das virtudes consiste na expressão de uma qualidade moral conquistada e infinitamente aprimorada segundo um modelo. O modelo, ou referencial transcendente, é o próprio Absoluto – fonte e expressão infinitas das virtudes; e os Espíritos que com Ele se harmonizam são "as virtudes dos céus." Por isso, Jesus ensina que o perdão não deve ter limites, na expressão simbólica "setenta vezes sete vezes." De outra forma, dizer que Deus perdoa os pecados é dizer que, apesar de nossas muitas falhas, vícios e pura má vontade em seguir no caminho do bem, a solicitude de Deus para conosco jamais cessa, e de que a sua justiça sempre está em função de que o bem se realize – seu império é o da bondade por toda eternidade, e o mal que expressamos é combatido sem

que sejamos excluídos do benefício de seu amor. Nenhuma criatura jamais é excluída do benefício do amor de Deus, por mais perversa que seja, o mal nela será sempre repreendido ao mesmo tempo que ela será sempre objeto do amor de Deus. Desta forma, a própria ideia dogmática de condenação eterna se apresenta como uma **antivirtude** impossível de ser manifestada no Absoluto, tal como Jesus o concebe, isto é, um ser infinito e de infinitas perfeições morais. Portanto, Deus perdoa infinitamente, isto é, tem misericórdia, jamais isenta a criatura mais perversa do benefício do seu amor.

Assim, partindo da realidade de nossas imperfeições morais, o ressentimento em nós se opõem à vivência da misericórdia, de modo que ele só é realmente vencido quando alcança o ápice do perdão, pois o pálido esquecimento das ofensas não pode combater totalmente o rancor, a animosidade e a mágoa. O Espírito João discorre sobre a necessidade do amor unido ao esquecimento:

"Quando perdoardes os vossos irmãos, não vos contenteis com estender o véu do esquecimento sobre as suas faltas. Esse véu é quase sempre muito transparente aos vossos olhos. Acrescentai o amor ao vosso perdão, fazendo por ele o que pedis a vosso Pai celeste que faça por vós. Substituí a cólera que mancha, pelo amor que purifica. Pregai pelo exemplo essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou."

A misericórdia, entendida como uma das expressões das qualidades infinitas de Deus deve se inserir na realidade humana como lei divina, isto é, deve reger, ordenar todas as relações humanas. A sociedade, por meio de suas instituições jurídicas, também precisa superar as múltiplas manifestações do ódio, do rancor e do ressentimento institucionalizados, camuflados de justiça penal, de agentes imparciais e mantenedores da ordem e defensores dos bons cidadãos que seguem as normas. Assim como Jesus nunca foi conivente com o pecado, mas sempre buscou a salvação do pecador, também todo e qualquer criminoso deve ser perdoado, isto é, envolvido por sábia solicitude, para que de fato se regenere, para que suplante a sua natureza perversa, seja ele um psicopata, um pedófilo, um genocida. Na ética de Jesus perdoar significa tão somente ser uma força ativa no bem, se opor ao mal buscando efetivamente o bem do agressor, o mal é combatido na precisa medida em que se faz o bem. Desta forma, os criminosos devem ser recolhidos da sociedade com a finalidade de serem inseridos num **sistema de vida regenerador, disciplinante e humanitário**, e não castigados, humilhados, desumanizados por uma sistemática do ódio que se sustenta numa justiça punitiva. O ressentimento ao longo da história se revela como a força motriz do ódio.

3. A misericórdia funda o legítimo direito de defesa, uma vez que este não é de nenhuma forma obstáculo à regeneração do agressor

A reflexão sobre a virtude da misericórdia de fato sendo difundida em todos os âmbitos da vida privada e pública leva a compreensão radical de que ela é um fator civilizatório indispensável e urgente, sem o qual é impossível vencer as múltiplas manifestações do ódio e da violência que se perpetuam até hoje.

A proposta ética de Jesus se apresenta como a única alternativa sensata e espiritualizante para a nossa civilização global, fora dela só haverá a permanência do ódio a irromper de uma relativa ordem social sustentada, é preciso dizer, no sangue, na humilhação e na desumanização de muitos indivíduos tidos como inimigos e algozes dos pagadores de impostos e cumpridores das leis.

Ao dizer - não julgueis para não serdes julgados – **isso não significa uma oposição ao direito de defesa e de preservação da vida, nem que o mal não deva ser combatido e repreendido**. O problema é o julgamento motivado pelo ódio, que inevitavelmente visa o aniquilamento do ofensor, ou no mínimo o seu mal. Na verdade, Jesus orienta para o verdadeiro combate ao mal, para a única forma de erradicá-lo da vida humana, qual seja, realizando o bem ao agressor, buscando intervir em sua natureza moral de forma a contribuir para a sua regeneração, coisa impossível pela tortura, pela humilhação ou pela condenação à morte. Isso não isenta da necessidade de uma atitude enérgica, seja no âmbito privado ou público, mas toda essa severidade deve estar fundada no amor que persegue a regeneração moral do agressor, e não no ódio ou no ressentimento que só visa a punição e o extermínio.

Jesus nos ensina a romper com o ciclo do ódio, pois quando julgamos motivados pelo ódio, somos também julgados pelo ódio que determina a nossa vida moral e nosso comportamento, a medida do ódio recai sobre nós, como de fato acontece, e de condenadores já passamos a condenados pela demência do ódio, pela mesquinhez do ressentimento, pela morbidez da vingança.

Assim, enquanto permanecermos manifestando essas imperfeições morais, seja como indivíduos ou como sociedade, só podemos receber as consequências das obras do ódio, pois a justiça divina determina as consequências segundo aquilo que somos. Esta é uma lei vital – se não há amor em nós, não podemos ser justificados pelas obras do amor, numa palavra, **a justiça divina não pode de forma alguma recompensar o mal**. Por isso, Jesus enfatiza o problema do julgamento moralista e não pautado no amor, este tipo de condenação é incompatível com a realidade cósmica do amor.

Está realidade cósmica do amor divino é patente em todos os meandros da nossa vida cotidiana na Terra, pois, sendo nós Espíritos imperfeitos, submetidos às paixões e vícios morais, muito dificilmente podemos ser justificados pelas obras do amor, de tal forma que se contássemos apenas com a justiça divina, receberíamos tão somente as consequências de nossas inveteradas vivências das imperfeições morais. Entretanto, a imparcial justiça divina está impregnada também pelo amor divino, que se manifesta na vida terrena como misericórdia, como perdão de nossas ofensas para com a lei suprema do amor. Esse perdão é, repetimos, não a recompensa do mal ou o aniquilamento das consequências dolorosas, mas sim o incessante auxílio divino para que nos regeneremos moralmente e não venhamos mais a seguir no caminho da impiedade.

Portanto, na regência da totalidade cósmica, a implacável e imparcial justiça divina está intimamente unida à misericórdia, que é uma forma do amor divino.

Disso tudo, é muito evidente concluir que se não houvesse a misericórdia divina a se derramar sobre os degradados da Terra, no mínimo a vida humana seria insuportável, pois a justiça divina atuando isoladamente só determinaria as consequências segundo as nossas obras e segundo a qualidade de nossa vida moral, que muito comumente só gera as obras do ódio, do ressentimento, do egoísmo, enfim, das misérias morais.

Conclusão

Jesus é o modelo divino da moralidade que deve e necessita se manifestar no seio da sociedade, sua ética visa a transfiguração do animal-homem, ela é o mais vigoroso impulso civilizatório rumo a uma efetiva transcendência. O perdão, vivido na plenitude de sua expressão, é a mais autêntica forma de combate ao mal; ele não é um mero suportar ou tolerar, mas uma vigorosa realização do bem que elimina o mal na luta pela regeneração do agressor. Esta é a inviolável sabedoria divina – Aquele que te faz mal, torna-o bom. Nisso consiste a misericórdia. O Espírito João assim esclarece:

"Que solicitais ao Senhor quando lhe pedis perdão? Somente o esquecimento de vossas faltas? Esquecimento de que nada vos deixas, pois se Deus se contentasse de esquecer as vossas faltas, não vos puniria, mas também não vos recompensaria. A recompensa não pode ser pelo bem que não fez, e menos ainda pelo mal que se tenha feito, mesmo que esse mal fosse esquecido. Pedindo perdão para as vossas transgressões, pedis o favor de sua graça, para não cairdes de novo, e a força necessária para entrardes numa nova senda, numa senda de submissão e de amor, na qual podereis juntar a reparação ao arrependimento."

Referencia:

Bem-aventurados os misericordiosos, Cap. X. Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec.

